

## ARQUITETURAS DA RECORDAÇÃO E DO ESQUECIMENTO: POR UM RECONHECIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS SOTEROPOLITANAS

*ARQUITECTURAS DEL RECUERDO Y DEL OLVIDO: POR UN RECONOCIMIENTO DE LAS MANIFESTACIONES MODERNAS DE SALVADOR*

*ARCHITECTURE OF REMEMBERING AND FORGETTING: TOWARDS THE RECOGNITION OF MODERN MANIFESTATIONS IN SALVADOR*

Eixo Temático 5 – Novos conceitos e “novos” patrimônios

**Ana Carolina de Souza Bierrenbach**

Doutora (ETSAB-UPC), Professora Adjunta da FAUFBA

### **Resumo:**

As cidades estão marcadas pela presença de arquiteturas que são constantemente recordadas pelos cidadãos. Arquiteturas que têm suas partes intactas ou retocadas, marcando suas persistências na atualidade. Arquiteturas que se afirmam diante do presente e que remetem a tempos passados. Mas as cidades também estão conformadas por arquiteturas do esquecimento. Nesse caso, suas partes estão constantemente depredadas ou desaparecidas. Essas arquiteturas praticamente desaparecem diante do presente e pouco remetem ao passado. Mas os espectros das suas presenças não deixam de ser marcantes. O presente texto trata dessas arquiteturas que são retomadas através do reconhecimento das pistas voluntárias e dos rastros involuntários. Pistas voluntárias são aquelas deixadas com a intenção de perdurar e indicar determinados relatos de acontecimentos. Os rastros involuntários são constituídos por elementos precários que não são criados com intenção de perdurar e de relatar nada. São aqueles que passam sem serem notados e que estão permanentemente ameaçados de desaparecimento. Há ainda uma outra possibilidade: das pistas voluntárias se transformarem em rastros involuntários. Isso acontece quando os elementos deixados intencionalmente passam a ser lidos a partir dos seus contrapontos. São elementos incontrolados que despontam, tornando possível rastrear traços de outras histórias existentes. O texto usa os procedimentos expostos para ampliar a recuperação da memória das arquiteturas modernas soteropolitanas. Trata-se assim de expor e aplicar um método que pretende não somente possibilitar o acesso a outras arquiteturas conformadoras da cidade moderna, mas também permitir que essas passem a ser reconhecidas, retomadas e preservadas dentro das dinâmicas contemporâneas.

**Palavras-chave:** arquitetura moderna soteropolitana, história, preservação

### **Resumen:**

*Las ciudades se caracterizan por la presencia de arquitecturas recordadas constantemente por los ciudadanos. Arquitecturas que tienen sus partes intactas o retocadas, marcando sus persistencias en la actualidad. Arquitecturas que se afirman delante del presente y que se refieren a tiempos pasados. Las ciudades también están hechas por arquitecturas del olvido. En estos casos sus partes están generalmente rotas o desaparecidas. Esas arquitecturas prácticamente desaparecen delante del presente y poco se refieren al pasado. Pero sus espectros aún persisten. El artículo trata de esas arquitecturas que son retomadas a través del reconocimiento de las pistas voluntarias y de los rastros involuntarios. Las primeras son aquellas que se hacen con la intención de que duren e indiquen determinados relatos de los hechos. Los rastros involuntarios se constituyen por elementos precarios que no se crean con la intención de que sean mantenidos y de que relaten nada. Son aquellos que pasan sin que se los note y que están siempre*

ENCONTRO INTERNACIONAL

# ARQUI MEMÓRIA

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador - Bahia, 14-17 de maio de 2013

4

*amenazados de desaparición. Hay todavía otra posibilidad: de que las pistas voluntarias se transformen en rastros involuntarios. Eso pasa cuando los elementos que se dejan con determinada intencionalidad pasan a ser comprendidos a partir de sus contrapuntos. Aparecen elementos incontrolables que tornan posible hallar otras historias existentes. El texto utiliza los procedimientos expuestos para ampliar la recuperación de las arquitecturas modernas de Salvador. Se expone y aplica un método que pretende no solo posibilitar el acceso a otras arquitecturas de la ciudad moderna, sino también permitir que esas sean reconocidas y recuperadas dentro de las dinámicas contemporáneas.*

**Palabras-clave:** *arquitectura moderna de Salvador, historia, preservación*

**Abstract:**

*Cities are marked by the presence of architectures that are constantly being remembered by the citizens. Some of these architectures are still the same as in the moment they were built, others have changed and were recovered. But cities are also marked by architectures that have been forgotten. But their spectrum is still around. This paper addresses these architectures that are recognized by the "voluntary clues" and the "involuntary tracks". The first ones are those left with the intention to last and to tell a specific report of the facts. The second ones are those that are very fragile and don't have any intention to last or to relate anything. These are usually unnoticed and can disappear at any moment. There's another possibility: that the "voluntary clues" turn out to be "involuntary tracks". This happens when elements that were intentionally left to mean something, finally mean some other thing. Uncontrolled elements of the documents can be found, making possible that some different traces of the stories appear. The article uses these procedures to improve de access to the memory of Salvador's modern architectures. It explains and applies a method that aims not only to improve the access to the architectures of the modern city but also to allow that they these come to be recognized preserved and integrated to the contemporary dynamics.*

**Keywords:** *modern architecture of Salvador, history, preservation*

## ARQUITETURAS DA RECORDAÇÃO E DO ESQUECIMENTO: POR UM RECONHECIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS SOTEROPOLITANAS

### INTRODUÇÃO

Prédios vazios podem ser chamados de orgânicos, pois tudo funciona numa uniformidade em fluxo, dobrada sobre si mesma. Quando o silêncio, o pó, as sombras quase sólidas desses edifícios, cortadas pelas quinas das paredes, impõem sua gravidade, então não há fala nem memória, não há lugar para se estar dentro, e a arquitetura, o que ainda há de arquitetura, se fecha em elementos genéricos, inabitáveis, como o chão de taco, a laje acima, o muro. (RAMOS, 2008, p. 159)

As cidades estão marcadas pela presença de arquiteturas que são usualmente recordadas pelos cidadãos. Arquiteturas que têm suas partes intactas ou retocadas, marcando suas persistências na atualidade. Arquiteturas que se afirmam diante do presente e que remetem a tempos passados. Mas as cidades também estão conformadas por arquiteturas do esquecimento. Nesse caso, suas partes estão constantemente depredadas ou desaparecidas e apenas podem ser reconhecidas por elementos que por acaso ainda perduram, mesmo que escassamente. Essas arquiteturas praticamente desaparecem diante do presente e pouco remetem ao passado. Mas os espectros das suas presenças não deixam de ser marcantes. De certa forma essas arquiteturas podem permitir que se acessem histórias não reconhecidas, presentes e passadas.

O presente texto trata dessas arquiteturas que são retomadas através de dois procedimentos: do reconhecimento das pistas voluntárias e dos rastros involuntários. Pistas voluntárias são aquelas deixadas com a intenção de perdurar e que pretendem indicar determinados relatos dos acontecimentos que se repetam indefinidamente, tendendo a apontar sempre as mesmas interpretações da história.

Os rastros involuntários são constituídos por elementos precários, dispersos, casuais, que não são criados com intenção de perdurar e de relatar nada. São aqueles que constantemente passam sem serem notados e que estão permanentemente ameaçados de desaparecimento. A utilização de um olhar atento e apurado é fundamental para possibilitar que a partir do reconhecimento desses rastros aconteça a reconstituição de histórias que tendem a permanecer esquecidas.

Há ainda uma outra possibilidade: das pistas voluntárias se transformarem em rastros involuntários. Trata-se de uma situação que acontece quando os elementos deixados intencionalmente passam a ser lidos a partir dos seus contrapontos, destacando outros elementos existentes que não foram inicialmente previstos para aparecerem e transmitirem informações. São elementos incontrolados que despontam, tornando possível rastrear traços de outras histórias existentes por detrás das histórias mais notórias que pretendiam ser contadas.

O texto usa os procedimentos expostos para ampliar a recuperação da memória e das possibilidades de preservação da cidade e das arquiteturas modernas<sup>1</sup> soteropolitanas no

---

<sup>1</sup> Deve-se esclarecer que por arquitetura moderna ou modernista se entende não somente a tendência arquitetônica do século XX mais conhecida no país, difundida por Le Corbusier e pela denominada "Escola Carioca", mas também a arquitetura envolvida com outras manifestações que se posicionam frente à modernização e à modernidade, mas que já superam o ecletismo.

contexto da modernização. Pretende-se acessar tanto aquelas arquiteturas que inicialmente têm a intenção durar e marcar presença como aquelas que apenas pretendiam cumprir demandas e desaparecer. Deve-se extrair dessas arquiteturas pistas e rastros que permitam acessar suas características e as diversas facetas das arquiteturas e da cidade. Para tanto, selecionam-se para análise exemplos de dois pontos de Salvador: a Avenida Sete e a Estrada da Liberdade, examinadas durante o período de 1930 a 1945. Assinala-se que a primeira tem sido foco constante de estudos históricos enquanto as referências sobre a segunda são escassas.<sup>2</sup>

Para acessar essas duas artérias e suas arquiteturas partem-se de documentos diferenciados: a própria cidade e suas manifestações arquitetônicas remanescentes, artigos publicados em dois periódicos (A TARDE e DIÁRIO DE NOTÍCIAS<sup>3</sup>) e imagens pertencentes à ARQUIVO MUNICIPAL - FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. Há que se recordar que todas essas fontes são oficiais e, portanto, parciais. Mas, tal como afirma o filósofo Walter Benjamin, “nunca houve um monumento de cultura que não fosse ao mesmo tempo um monumento de barbárie”. (BENJAMIN, 1993, 225). Trata-se assim de usar essas fontes também para acessar a história à contrapelo, extraindo suas múltiplas facetas. É importante salientar que embora se considere que essas fontes possam ser prolíficas é necessário futuramente realizar uma ampliação das fontes possíveis para que se possam alcançar outras informações não oficiais.

Deve-se assim de expor e aplicar um método que pretende não somente possibilitar o acesso a cidade moderna e suas arquiteturas, mas também permitir que essas possam ser reconhecidas, retomadas e preservadas dentro das dinâmicas contemporâneas.

## PISTAS VOLUNTÁRIAS

Pistas voluntárias são aquelas deixadas com a intenção de perdurar e que pretendem apontar determinados relatos dos acontecimentos que se repetam indefinidamente, apontando sempre as mesmas interpretações da história.

A arquitetura estabelece uma forte conexão com as pistas voluntárias porque usualmente se realiza com amplos recursos e porque supostamente tem uma maior capacidade de perdurar no tempo. Torna-se assim um meio oportuno para a transmissão de conteúdos referentes àqueles que detém o poder e os meios para suas possíveis manifestações e consolidações. Mas, como se tratará mais adiante, há circunstâncias que tais pistas voluntárias arquitetônicas não conseguem manter suas potencialidades no decorrer do tempo e terminam por assinalar outras referências diferentes daquelas pretendidas inicialmente. Mas suas presenças e intencionalidades iniciais também podem ser alcançadas a partir de outros tipos de fontes, tais como relatos oficiais ou não, publicações, etc. Entretanto, é sempre importante ter em mente quem são os produtores dessas fontes, situá-los para que se possa identificar seus posicionamentos diante das circunstâncias apresentadas.

---

<sup>2</sup>O recorte temporal está delimitado por marcos arquitetônicos e históricos. No primeiro caso, posiciona-se entre dois edifícios que apontam importantes mudanças nos modos de realizar arquitetura: a concepção do Elevador Lacerda, com características *art déco*, realizado por Fleming Thiesen (início em 1928 e termino em 1930) e o Edifício Caramuru, projeto modernista funcionalista de Paulo Antunes Ribeiro (Início em 1946 e termino em 1949). O marco histórico é pautado no início e final do período de Getúlio Vargas no poder.

<sup>3</sup>O Diário de Notícias é fundado em 1875. A partir de 1919 é incorporado pelo professor e posteriormente deputado federal Altamirando Requião e outros acionistas; de 1939 a 1942 passa a ser controlado por Antonio Balbino de Carvalho. Em 1943 é vendido para a empresa comandada por Assis Chateaubriand e a edição é assumida por Odorico Tavares. O periódico apoia o Governo de Getúlio Vargas e seu interventor Juracy Magalhães. (Peixoto Júnior, 2003: 10-11; 37). O jornal A TARDE é fundado em 1912 por Ernesto Simões Filho e tem como editor Ranulfo Oliveira. O jornal faz oposição ao Governo Getúlio Vargas e ao seu interventor. (ALMANAQUE DE COMUNICAÇÃO, s/d, s/p) As citações utilizadas nesse artigo foram transcritas pela autora utilizando as referências ortográficas contemporâneas.

Essa situação de perda de referencialidade pode ser observada em manifestações arquitetônicas presentes atualmente nas duas artérias examinadas neste trabalho, a Avenida Sete e a Estrada da Liberdade. Entretanto, suas existências e importâncias podem ser encontradas em outros documentos. Nos periódicos consultados, há menções constantes a esses dois eixos de circulação, que tratam tanto de temas urbanos quanto arquitetônicos. Há certos exemplares arquitetônicos que são considerados merecedores de menção e que aparecem em repetidas ocasiões de forma destacada, com notícias que ocupam amplos espaços.

Os periódicos consultados comentam as transformações pelas quais passa o centro da metrópole soteropolitana durante os primeiros anos do século XX e anunciam a conformação e consolidação da sua artéria mais importante: a Avenida Sete. Para tanto assinalam que é necessário que se façam as demolições e que as edificações se tornem alinhadas. Apesar das dificuldades encontradas, a Avenida Sete aos poucos entra no eixo. Afirmam que sua estética é primorosa e que esforços são constantemente realizados para melhorar os serviços de transporte que a cortam. Mas não deixa de haver certa crítica ao excesso de atenção das autoridades para a Avenida Sete, o “único lugar para onde nossos administradores têm voltado as suas vistas de artistas e estéticos urbanos.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15/04/1931, s/p) Mas as observações são quase sempre feitas com a intenção de afirmar os aspectos positivos das intervenções aí realizadas, que devem se estender aos outros setores de Salvador.

É nesse cenário que são instalados importantes edifícios da cidade, tanto de caráter particular quanto público. É o caso do edifício da Farmácia Caldas (Figura 1), construído pelos “acreditados construtores” da firma Weiss e Freytag. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/06/1931, s/p).



Figura 1: A Farmácia Caldas e sua inserção na Avenida 7  
Fonte: Arquivo Histórico do Município de Salvador/FGM, s/d

O edifício é realizado no mesmo local da sede anterior, um edifício colonial destruído por um incêndio em 1929. Nos periódicos da cidade a “nova e rica sede da Farmácia Caldas” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS 13/02/1932, s/p) é apresentada como um edifício suntuoso, pomposo, de linhas austeras e elegantes, que merece admiração e aplausos. Possui uma composição em base, corpo e coroamento, demarcada pela presença de colunas monumentais estilizadas e pela incorporação de elementos ornamentais seriados. (Figuras 2 e 3). (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 19/06/1931, s/p;

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/02/1932, s/p) O edifício em cimento armado é “um grito de pedra que o trabalho atira para os céus!” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/02/1932, s/p). O programa é extenso, com uma “organização perfeita, o que só recomenda o espírito progressista dos seus dirigentes.” (A TARDE, 22/06/1935). Nota-se a intenção de tornar o serviço eficiente, especialmente com a instalação de relógios regulados automaticamente em todas as seções do prédio. A cerimônia de inauguração realizada no dia 13 de fevereiro de 1932 é concorrida e conta com médicos e outros importantes representantes da sociedade, tendo sido oferecidas bebidas finas para os convidados.

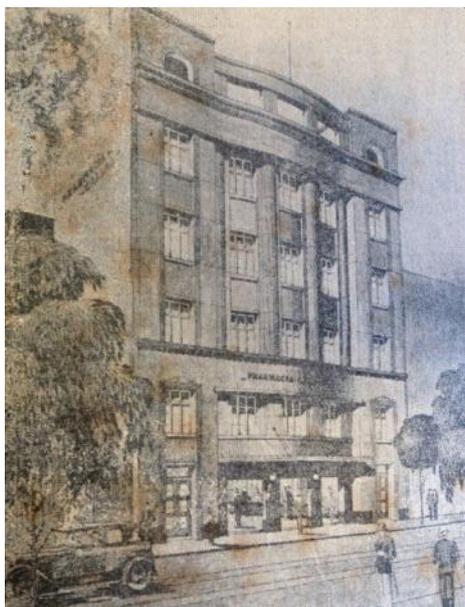


Figura 2: Farmácia Caldas – fachada  
Fonte: Diário de Notícias (13/02/1932, s/p)



Figura 3: Farmácia Caldas – interior  
Fonte: A Tarde (22/06/1935, p.6)

No princípio da Avenida Sete (na junção com a Praça Castro Alves) está o Edifício da Repartição do Saneamento (Águas e Esgoto) (Figuras 4 e 5). Construído no local onde antes está o “Hotel Paris”, é uma obra dos construtores “patrícios” Manso e Cabral, autores de outros projetos na capital<sup>4</sup> (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26/04/1935, s/p). O edifício anterior da Repartição de Saneamento é considerado inadequado para o cumprimento das suas funções e parte da sua deficiência é atribuída à precariedade das suas instalações. Desde 1933 há referências a projetos elaborados para substituí-lo, sendo que aquele concebido pela Construtora Nacional merece destaque nos periódicos, demonstrando a intenção de realização de um edifício monumental, portador de “linhas modernas” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS 06/05/1933, s/p; DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26/04/1935, s/p) A nova edificação a ser construída deve comportar uma organização moderna e eficiente, (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01/03/1936, s/p) compatível com “a industrialização dos serviços públicos do Estado.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/08/1937, s/p)

<sup>4</sup> Os engenheiros são autores de outras obras na capital como o Edifício Monte-Pio (atual Fundação Gregório de Mattos), o Colégio Santíssimo Sacramento, o Pavilhão do Hospital João de Deus e o prédio escolar Platoon. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/08/1937, s/p)



Figura 4: O Edifício do Saneamento

Fonte: Arquivo Histórico do Município de Salvador/FGM, s/d



Figura 5: Edifício do Saneamento

Fonte: Arquivo Histórico do Município de Salvador/FGM, s/d

Os periódicos chamam atenção para a suntuosidade do edifício de cinco andares, que possui linhas simples e “a beleza da arquitetura moderna” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/08/1937, s/p). Trata-se de fato de um edifício mais sóbrio do que aquele da Farmácia Caldas, com uma composição sutil de planos e volumes, com o destaque da esquina direcionada à Praça Castro Alves. (Figuras 6 e 7) É realizado em cimento armado procurando solucionar as deficiências apontadas anteriormente:

indiscutível surto de progresso a administração bahiana, pela introdução de métodos de organização racional, concretizando-se em resultados positivos e trazendo uma série de benefícios extraordinários à coletividade, e ainda se refletindo, por conseguinte, na própria vida social e econômica da Bahia”. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/08/1937, s/p).

Desta forma, o novo edifício deve “facilitar e impulsionar as actividades (sic) produtivas, oferecendo, por outro lado, um aspecto decente e condizente com a situação actual (sic) de progresso da Capital do Estado” . (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 13/08/1937, s/p). A inauguração do edifício acontece no dia 12/08/1937 com a presença de autoridades.



Figura 6: Edifício do Saneamento  
Fonte: Diário de Notícias (13/08/1937, s/p)

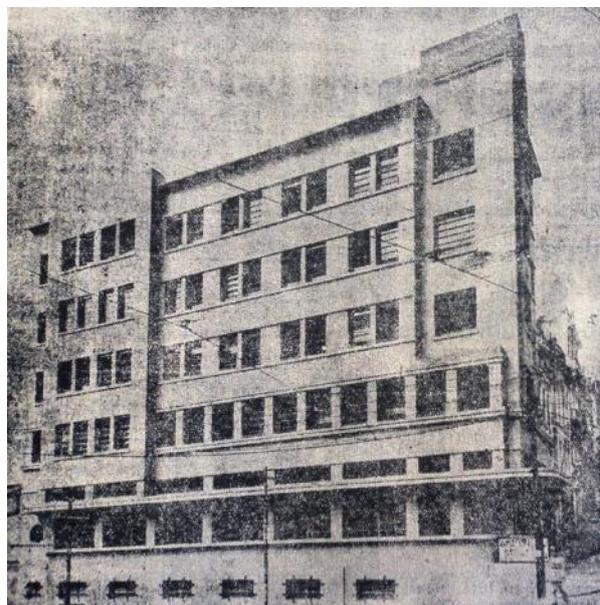


Figura 7: Edifício do Saneamento  
Fonte: Diário de Notícias (13/08/1937, s/p)

Outro edifício marcante é o SULACAP, pertencente à Sul América Capitalização (Figura 8). É construído pelo arquiteto Roberto Capello e pela construtora Pederneiras, situando-se na confluência entre a Avenida Sete, Carlos Gomes e Praça Castro Alves. Para que possa ser realizado, o tradicional Hotel Sul Americano é demolido, fato aclamado pelos periódicos (A TARDE, 16/03/1939, p.2):

Moderniza-se a cidade. A Praça Castro Alves será enriquecida com mais um arranha-céu. É a febre do progresso. Transforma-se o aspecto das construções coloniais da velha Bahia. Sacrifica-se a tradição para dar entrada ao progresso. Corre o tempo. A Cidade do Salvador rejuvenesce. Impera a ânsia (sic) das alturas. (...) Cumpre-se a lei da evolução. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS 28/03/1939, s/p)

No seu local é construído um edifício de cimento armado qualificado como “imponente”, “majestoso”, “portentoso”. O SULACAP tira partido da sua implantação, com a presença de corpo, base, coroamento e uma trama quadriculada vazada que dá ao arranha-céu aspectos monumentais. Os periódicos também chamam atenção para outros aspectos do edifício: “moderníssimas instalações e a comodidade das suas salas e seções, com muita luz e muito arejados” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 29/03/1943, s/p). A inauguração acontece no dia 26/04/1943 e é tida como um “acontecimento de alta relevância” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28/04/1943, s/p) que conta com personalidades nacionais e estrangeiras. (A TARDE, 29/04/1946, p.9)



Figura 8: Os Edifícios SULACAP e do Saneamento e suas inserções na cidade  
Fonte: Arquivo Histórico do Município de Salvador/FGM, s/d

Outro ponto da cidade mencionado pelos periódicos soteropolitanos é a Estrada da Liberdade, situada na periferia da cidade. Um local considerado importante “por onde passou o exército de libertação da cidade.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 01-11-1939, s/p)<sup>5</sup> As reportagens denunciam a falta de infraestrutura e o esquecimento do local por parte das autoridades, mas constantemente assinalam as suas importantes contribuições para o seu aprimoramento e embelezamento. Um dos principais aspectos destacados pelos periódicos é a deficiência da Estrada que praticamente impossibilita os deslocamentos dos cidadãos durante o inverno em decorrência dos temporais, com “casebres a ruir, ruas a desmoronar, pequenos ensaios diluvianos aqui e ali. (...) A zona da Liberdade (...) parecia um rio Amarelo, atrapalhando o tráfego dos bondes.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS 23/03/1938, s/p) Durante o verão a situação não difere muito, por causa da poeira: “o bairro da Estrada da Liberdade, nestes tempos de calor, com o tráfego contínuo de “marinettis”, vê-se envolvido numa nuvem permanente de poeira”. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/01/1933, s/p) Mencionam-se os esforços da administração municipal para superar o problema e possibilitar a circulação na Estrada da Liberdade. As notícias assinalam que se pretende aprimorar as condições das tubulações, de nivelção e pavimentação da rua (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 15/04/1931, s/p).

Mas nota-se que há uma dificuldade para que isso de fato aconteça. Apesar das intervenções e da inserção de equipamentos para possibilitar a conexão do local com o restante da cidade, a população continua possuindo outro ritmo no seu cotidiano e se deslocando a pé, com animais ou carroças. Nota-se também a existência de uma parada de bonde com características arquitetônicas modernas, mas a sua decadência demonstra a escassa preocupação por parte das autoridades de manter a Estrada da Liberdade conectada de fato com o restante da cidade (Figuras 9 e 10).

<sup>5</sup> A Estrada da Liberdade recebe esse nome em homenagem aos combatentes que lutaram pela independência da Bahia no dia 2 de julho de 1823.



Figura 9: A Estrada da Liberdade vista a partir da Escola Duque de Caxias

Fonte: Arquivo Histórico do Município de Salvador/FGM, s/d



Figura 10: A Estrada da Liberdade vista a partir da Escola Duque de Caxias

Fonte: Arquivo Histórico do Município de Salvador/FGM, s/d

Também se comentam outros problemas encontrados nas imediações da Estrada da Liberdade, com a crítica aos costumes cotidianos da população que “não condizem com o ambiente atual do século que flui: detritos de alimentos e de tudo mais atirados às ruas. Roupas estendidas nas janelas.” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21-01-1939, s/p). Outro ponto assinalado é o desassossego causado aos moradores locais pela prática do candomblé e seus “bataques trepidantes e as berreiras que formam um conjunto pandemonico (sic), sem que, até o momento, uma providência, a respeito, se fizesse sentir”. (Figura 11) (DIÁRIO DE NOTÍCIAS 06-05-1936, s/p)



Figura 11: A Estrada da Liberdade  
Fonte: A Tarde (17/12/1935, p2)

É nesse panorama que se apresenta um edifício que conecta a Estrada da Liberdade com a modernização soteropolitana: o Cine-Liberdade. (Figura 12) Um edifício com características *art déco*, com frisos escalonados, possui como ponto marcante a sua esquina. Consta que o cinema tem capacidade para 500 pessoas, “além de ser do tipo mais moderno, ter boa iluminação e ventilação, artificial e natural. A cabine, de cimento armado como todo o prédio, é independente da plateia (sic).” A inauguração realizada dia 02/12/1937 é,

“muito festiva” (...) presenciada por “autoridades cinematográficas e pessoas de destaque no nosso meio social. Foi servido chopp, sendo que no começo da projeção foi ouvida uma salva de palmas dos espectadores. (...) A população daquele arrabalde está satisfeita. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS 03/12/1937, s/p)

Em outra notícia, entretanto, o repórter afirma que a atitude dos espectadores desse cinema não é apropriada e nem civilizada e demanda por policiamento:

vaiais, assobios e gargalhadas interrompendo espetáculos. (...) Discussões em voz alta, chapéus à cabeça e muitas coisas mais que a Delegacia de Costumes dever ver, para coibir esses abusos que não dizem muito bem de nós. É o que precisa ser acabado. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 21/01/1939, s/p)



Figura 12: O Cine-Liberdade  
Fonte: Diário de Notícias (03/12/1937, s/p)

Mas a edificação mais destacada pelos documentos na Estrada da Liberdade é a Escola Duque de Caxias (Figuras 13 e 14). É um edifício com características mais modernistas, com parte do térreo suspenso sobre pilastras e a cobertura plana utilizável. Uma construção com ausência completa de ornamentação que parte de uma clara lógica construtiva. A edificação faz parte de um programa mais amplo de construção de escolas padronizadas, a serem realizadas tanto na capital quanto no interior do Estado. Pretende-se modificar as características da instrução dos alunos, educando-os para se tornarem plenamente participes da cidade em processo de modernização. A Escola, utilizada em três turnos diferenciados, é “solenemente inaugurada” no dia 25 de agosto de 1938. Pretende-se realizar uma escola menos aparatosa, mais modesta, que se adapte às condições dos usuários locais, para que “em virtude de pobreza de vestuário e de calçado, não procurem fugir, como sempre aconteceu, de escolas luxuosas do centro da localidade”. Na cerimônia de inauguração acontecem demonstrações de educação física nas quais “tomaram parte perto de dois mil alunos, vestidos e calçados às custas do Governo, em atitude de ordem e disciplina, em flagrante contraste com a situação em que se apresentaram à matrícula, pouco tempo antes.”<sup>6</sup> (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 10/11/1938, s/p)

<sup>6</sup>É uma época de extensas reformulações tanto das práticas educacionais quanto das edificações escolares. É fundamental nesse sentido a atuação de Anísio Teixeira como diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1931-1935). O educador considera que a edificação escolar é a base primordial para qualquer mudança educacional. Para Teixeira, as novas edificações deveriam ser construídas da forma mais clara, lógica e econômica: deveriam ser modernas. Essa orientação foi adotada pelo principal responsável por esses projetos escolares realizados no Rio de

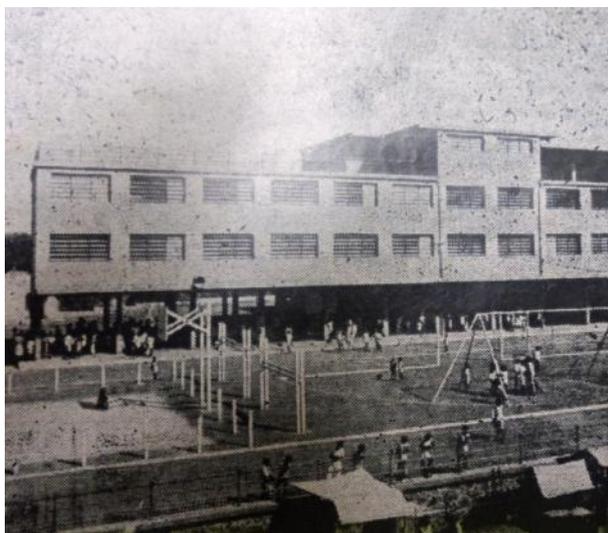


Figura 13: Escola Duque de Caxias

Fonte: DIVISÃO DE ESTATÍSTICA E DIVULGAÇÃO DA PREFEITURA DE SALVADOR (1939, s/p).

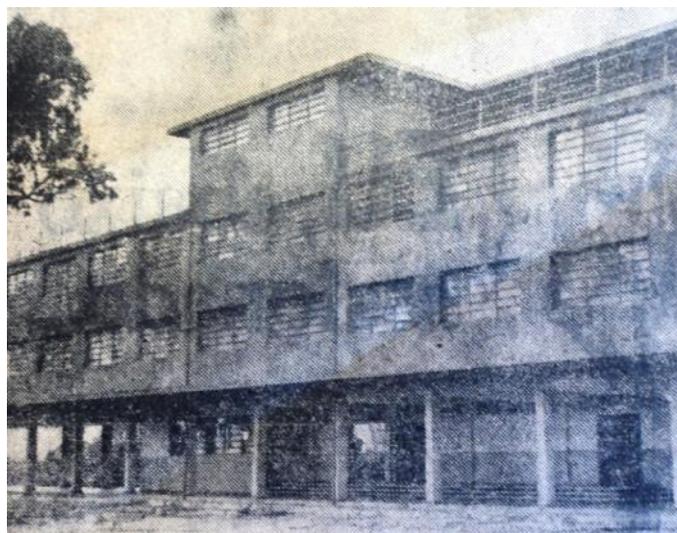


Figura 14: Escola Duque de Caxias

Fonte: Diário de Notícias (16/01/1939, s/p)

Entre as pistas voluntárias constata-se a presença das duas artérias e de certos edifícios. Há uma nítida afirmação da Avenida Sete como a via mais importante da cidade, aquela que é a mais atendida pela administração. A Estrada da Liberdade é apresentada como um local precário e decadente, mas indica-se que há a intenção por parte da administração para a realização de aprimoramentos no local para que também possa ser inserido na civilização sotropolitana. Os Edifícios da Avenida Sete aparecem com um destaque muito maior do que aqueles da Estrada da Liberdade. Em todos os casos, tanto nos edifícios particulares quanto nos públicos, ressalta-se a modernidade dos edifícios, seus aspectos funcionais e racionais e suas participações no processo de modernização da cidade. Chama-se atenção ao fato de tais edifícios contribuírem para uma reeducação da população, procurando inseri-la plenamente nas novas dinâmicas capitalistas.

## RASTROS INVOLUNTÁRIOS

Os rastros involuntários são elementos precários, dispersos, casuais, que não são criados com intenção de perdurar e de relatar nada. São aqueles que constantemente passam despercebidos e que estão permanentemente ameaçados de desaparecimento. A utilização de um olhar atento e apurado é fundamental para possibilitar que a partir do reconhecimento desses rastros aconteça a reconstituição de histórias que tendem a permanecer perdidas e esquecidas. Embora a arquitetura e a cidade se constituam como meios propícios para difusão das pistas voluntárias, também podem conter rastros involuntários. Há que se considerar que ambas nem sempre são duradouras, que podem perder as suas importâncias, as suas consistências, se transformarem e desaparecerem. Mas ao perdurarem, mesmo que de forma debilitada, as arquiteturas e as cidades podem possibilitar acessos diferenciados ao passado, que indiquem não apenas as manifestações daqueles que detém o poder, mas também das suas contestações e descaminhos.

A utilização dos rastros involuntários, residuais e marginais, unifica as tarefas de distintos profissionais. Caçadores, detetives, médicos e historiadores que são capazes de reconstituir a partir de dados ínfimos os passos de animais, de criminosos ou de pessoas. Autores como Carlo

---

Janeiro entre 1934 e 1935, Enéas Silva. Outro edifício conhecido e importante realizado a partir desses pressupostos e o Instituto Central Isaías Alves (ICEIA) de autoria atribuída a Alexander Büddeus. A obra é iniciada em 1937 e finalizada em 1939. A Escola Duque de Caxias é, portanto, inaugurada antes do ICEIA. Vide: PROPOSTA DE TOMBAMENTO ESTADUAL DO INSTITUTO CENTRAL ISAÍAS ALVES (ICEIA), 2011.

Ginzburg e Jeanne Marie Gagnebin referem-se à utilização desses rastros aparentemente irrelevantes para a reconstituição de diferentes circunstâncias.

Ginzburg aponta a conformação de um método histórico “indiciário” que tem seus primórdios no caçador que rastreia sua presa, que continua no trabalho do detetive que procura respostas para crimes (demonstrado por Sherlock Holmes, investigador concebido por Arthur Conan Doyle), no trabalho do psiquiatra que examina os inícios de transtornos (demonstrado por Sigmund Freud) e no trabalho do historiador de arte que tenta identificar quadros falsificados (demonstrado por Giovanni Morelli). Ginzburg afirma que o caçador seria o primeiro a “narrar uma história, porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (GINZBURG, 2012, 152). E tal narrativa também se estabelece nos demais casos examinados e na própria conformação do trabalho do historiador.

Jeanne Marie Gagnebin também menciona a potencialidade da detecção do rastro: “Rastro é um fruto do acaso, da negligência, às vezes da violência; deixado por um animal que corre ou por um animal em fuga, ele denuncia uma presença ausente. (...) O detetive, o arqueólogo ou o psicanalista (...) devem decifrar não só o rastro na sua singularidade concreta, mas também tentar adivinhar o processo, muitas vezes violento, da sua produção involuntária. Rigorosamente falando, rastros não são criados (...) mas sim deixados e esquecidos. (GAGNEBIN, 2006, 113).

Os rastros involuntários deixados mostram traços de uma cidade que está sendo permanentemente apagada. No caso da Avenida Sete, esse processo inicia-se anteriormente durante a década de 1910. Para dar espaço ao processo de modernização que tem como um dos pontos prioritários a consolidação do sistema de transportes, as características anteriores da Avenida Sete e das suas edificações são modificadas. Muitas são desapropriadas e demolidas e outras são recortadas para cumprirem com o alinhamento determinado para a artéria, não sem reações contrárias por parte da população, descontente com o processo:

não foi sem grande sacrifício (sic) que se procedeu ao alinhamento dos prédios, verificando-se mesmo sérios incidentes entre os proprietários e o Governo, por não se sujeitarem aqueles às determinações em vigor. Pouco e pouco, porém, as coisas foram entrando nos eixos. (...) Entretanto, (...) ficaram alguns recalcitrantes no firme propósito (sic) de não chegarem seus prédios (sic) para o alinhamento. E lá estão até hoje, abusivamente. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 12/01/1939, s/p)

Mostram a existência de resistência por parte da população que se nega a modificar seus edifícios para adaptá-los às novas circunstâncias. Percebe-se que apesar disso a artéria é completamente transformada e sua faceta arquitetônica atualizada. Como a modificação começa durante a década de 1910, constata-se que na Avenida Sete ainda perduram edifícios ecléticos, mas esses vão sendo progressivamente substituídos por outros com características mais modernas.

Nos periódicos aparecem algumas notícias sobre a Estrada da Liberdade que são importantes para mostrar as facetas ocultas do processo de modernização que acontecem na cidade. Tais notícias continuam apontando a precariedade do local, mas também mostram que as intervenções aí realizadas são contraditórias. Expõem o caráter perecedor de certas edificações, que apesar de construídas com sacrifícios não são capazes de perdurarem por diferentes causas. Os temporais constantes afetam as casas, muitas delas feitas com taipa, que acabam desmoronando. [DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 28/05/1935, s/p] Outras são destruídas pela própria ação da Secretaria de Saneamento do município:

são perto de trezentas casas que abrigam os pobres, seus proprietários, que vivem dos seus minguados recursos, sofrendo toda sorte de privações. (...) Surge a determinação da Saúde Pública (sic) que intima a pobreza a derrubar o que construíram (sic) com muito trabalho. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23/07/1930, s/p)

Fotos existentes tiradas da Escola Duque de Caxias demonstram essa mesma situação de precariedade dessas edificações. Percebe-se assim o rastro da existência dessas construções que são feitas com poucos recursos e sem apelar a nenhum estilo característico da modernidade. Construções que tem uma incapacidade de resistir no tempo e de relatar os modos de construir e de morar da população da Estrada da Liberdade.

Mas apesar dessa situação, uma notícia expõe os rastros de uma cidade que tem suas próprias peculiaridades. Embora apareçam notícias que insistem na necessidade de superação de uma situação de atraso, existe esse relato diferenciado das características do local, que expõe a persistência de dinâmicas negadas na cidade moderna:

A Estrada da Liberdade é um dos mais populosos setores da cidade. Abriga milhares de pessoas. Possui milhares de casas. É o bairro preferido das classes pobres. Os seus moradores, são na sua maioria aqueles que não foram favorecidos pela fortuna. Operários, que conseguem às custas dos maiores sacrifícios, construir as suas casas, de barro armado, na ânsia de fugirem à ganância dos senhorios. E é na Estrada da Liberdade que se localiza o "Japão". (...) Ruas sem calçamento. Casas humildes, de paredes de barro sem caiação. Predomina o gênero de construção que a ironia popular apelidou de "barro armado". Pelas ruas estreitas, que atravessam fundos de quintais, crianças nús (sic) brincam ao sol. Gallinhas (sic) ciscam no terreno arenoso. Cachorros ladram e correm em disparada. (...) O Japão agora movimenta-se. Passam mulatinhas enfeitadas, aos grupos, em longas conversas. Uma vendola está aberta. Duas portas de madeira e um balcão nodoso. (...) Mulheres compram e reclamam. Alguns bambas começam o dia bebendo cachaça para fechar o corpo. Palavras do mais baixo calão enchem todo o ambiente. (...) O Japão toma um aspecto novo á tarde. Moleques jogam bola em plena rua. Nos passeios, ficam grupos disputando partidas de dominó. Outros, mais práticos, põem em plena rua uma cama de lona e sentados sobre ella (sic) distribuem um baralho de cartas velhas e sujas para uma partidinha de sete e meio. A zona ali é francamente do amor. O namoro começa cedo. Os pares passam, agarradinhos, alheios a tudo. (...) Mas o amor de quando em vez explode ali violentamente. Mancha-se de sangue e incomoda a polícia (sic). Os crimes passionais fazem-se frequentes. O ciúme transforma homens até então pacíficos em criminosos. (...) Passam homens segurando galos de briga. Foram para as "rinhas" ali por perto. A "rinha" é um cercado onde os galos brigam. Os bichos são postos um defronte do outro. As apostas fervem e crescem. (...) Anoitece. Vêm até os que passam pelas ruas as zoadas dos sambas. Marcações de palmas zoadas chocalhantes (sic) de pandeiros. E o Japão se diverte. É o povo, fugido da cidade, que se esquece da vida cara, das revoluções de tudo que incomoda os que moram no outro lado da vida, os que se divertem porque podem... (A TARDE, 17/12/1935, p.2)

Os rastros involuntários são escassos, difíceis de serem encontrados e captados. Mas suas existências demonstram que no processo de modernização soteropolitano existem arquiteturas que se afirmam enquanto outras são superadas ou silenciadas. Há um processo de substituição de arquiteturas coloniais e ecléticas por outras com tendências mais modernas (relacionadas principalmente com a introdução do art déco, do neocolonial ou do modernismo) que afeta as duas artérias estudadas. Mas percebe-se também que embora essas tendências existam, nem todas as construções realizadas nessas partes da cidade partem desses princípios, aparecendo respostas diferenciadas e por vezes muito mais diretas às circunstâncias e anseios vividos pela população. Respostas que não se pautam em aspectos racionais e funcionais e que não pretendem se referir aos processos de modernização pelos quais a cidade passa. São, portanto, indícios de uma cidade contraditória, que se pretende moderna, mas que mantém características diferenciadas dessas circunstâncias.

## DE PISTAS A RASTROS

Há ainda uma outra possibilidade: das pistas voluntárias se transformarem em rastros involuntários. Trata-se de uma situação que acontece quando os elementos deixados intencionalmente passam a ser lidos a partir dos seus contrapontos, destacando outros elementos existentes que não foram inicialmente previstos para aparecerem e transmitirem informações. São elementos incontrolados que despontam, tornando possível rastrear traços de outras histórias existentes por detrás das histórias mais notórias que pretendiam ser contadas. Desta forma, para Ginzburg, é possível chegar às experiências recalcadas pela história a partir das próprias manifestações dominantes, que são justamente aquelas que têm maior possibilidade de perdurar no tempo. Ginzburg afirma que “ao escavar os textos, contra a intenção daqueles que o produziram, vozes incontroladas podem emergir”. (GINZBURG, 2012, 3) Os edifícios apresentados neste artigo tinham inicialmente a intenção de perdurarem e contarem determinadas histórias, relacionadas com a efetivação e consolidação do processo de modernização soteropolitano. Mas também podem ser considerados como rastros involuntários que revelam outras histórias discrepantes.

As arquiteturas desses edifícios praticamente desaparecem nos cenários da Avenida Sete e da Estrada da Liberdade. Apenas se insinuam por trás de anúncios, cabos elétricos, cercas, muros, pichações, aparelhos de ar-condicionado, antenas, bancas de ambulantes, transeuntes, veículos e etc. As volumetrias do Edifício do Saneamento (Figura 15) e da Escola Duque de Caxias (Figura 16) estão transformadas, afetando as suas concepções arquitetônicas iniciais. No primeiro caso rompeu-se com a proeminência da torre situada na esquina, fazendo com que o edifício perca sua composição volumétrica característica e tenha seu impacto diminuído no local onde está implantado. No segundo, suas características modernistas foram afetadas, uma vez que parte do seu espaço livre inferior e superior estão construídos.



Figura 15: Edifício do Saneamento  
Fonte: Ana Carolina Bierrenbach, 2013



Figura 16: Escola Duque de Caxias  
Fonte: Ana Carolina Bierrenbach, 2013

Todos os edifícios têm suas fachadas transformadas, depredadas, ou poluídas, com esquadrias e venezianas substituídas, quebradas ou oxidadas. Percebe-se que a situação interna dos edifícios não é diferente, predominando o descaso e, também, o desuso. É o caso dos Edifícios do Saneamento e da Farmácia Caldas (Figura 17), que são escassamente utilizados na atualidade. Tal situação não acontece com os demais edifícios, que apesar de danificados, permanecem sendo usados, mesmo que de forma adaptada. A Escola Duque de Caxias com a mesma função inicial e o Cine-Liberdade (Figura 18) transformado em uma loja de móveis e eletrodomésticos. O único edifício que está em um estado interno mais cuidado e é mais utilizado é o Edifício da SULACAP (Figura 19). Com exceção desse último edifício, os demais perderam completamente seu destaque na cidade, tornando-se alheios às intenções que inicialmente foram destinados a cumprir, anunciadas amplamente nos periódicos soteropolitanos. Atualmente não são mais citados em livros ou guias arquitetônicos, não aparecem nos meios de comunicação. Para cidade como um todo são praticamente desconhecidos tanto nas suas circunstâncias atuais como nas pretéritas.



Figura 17: Farmácia Caldas –  
Fonte: Ana Carolina Bierrenbach,  
2013



Figura 18: Cine-Liberdade  
Fonte: Ana Carolina Bierrenbach, 2013



Figura 18: SULACAP  
Fonte: Ana Carolina  
Bierrenbach, 2013

Mas apesar dessa situação (ou em sua decorrência), são rastros que apontam para outras histórias além daquelas oficialmente contadas. Suas realizações assinalam inicialmente a superação de uma situação supostamente atrasada, incoerente e tosca e a impulsão de outra atual, coerente, pautada nas noções e nas representações de racionalidade, funcionalidade ou modernidade. Indicam a necessidade de uma permanente modificação e permutação de edifícios, sempre trocados por outros mais modernos e mais adaptados às circunstâncias capitalistas. Os edifícios mencionados no texto indicam a participação da cidade no processo de modernização nacional, que se realiza a partir do impulso da industrialização, da urbanização e da presença de um Estado burocrático e autoritário. No caso soteropolitano, a industrialização acontece tardiamente, mas a presença das instâncias de poder estatais é fundamental para ampliar a urbanização e acelerar a conexão entre a cidade e os circuitos capitalistas do país. Os edifícios examinados, tanto os particulares quanto os públicos, inserem-se dentro dessa situação. Procuram afirmar essas circunstâncias na cidade e a presença dessas arquiteturas é importante nesse sentido. E para que essas arquiteturas se afirmem na cidade, utilizam-se meios de persuasão ou de repressão, como demonstram as notícias dos periódicos estudados.

Suas circunstâncias atuais demonstram os lados ocultos da dinâmica capitalista que induz à superação e substituição dos edifícios e à exclusão da população e à superação dos seus modos de vida. E tal situação continua perdurando em toda cidade, com a proposta de intervenções que tem escassa preocupação pelo tecido construído e pelos moradores da cidade. Mas, mesmo assim, por trás das suas fachadas antes tão exaltadas e atualmente tão danificadas, esses edifícios persistem no cotidiano da cidade e permanecem no circuito capitalista. Apesar de esquecidos e descartados por uma parcela da sociedade, continuam rendendo e podendo ser úteis para outros. Continuam sendo circundados por uma cidade extremamente dinâmica, que apesar de enquadrada nas circunstâncias capitalistas, não cedeu completamente às orientações funcionais e racionais da cidade moderna.

Desta forma, esses mesmos edifícios antes proclamados como importantes marcos da modernização soteropolitana, atualmente se apresentam tanto como os resultados problemáticos desse processo quanto da imensa capacidade criativa da população para superar as suas consequências. Demonstram que de pistas voluntárias, tornaram-se rastros involuntários da história da arquitetura e da cidade.

## NOTAS FINAIS

A utilização das pistas voluntárias e dos rastros involuntários são importantes recursos para que se possa acessar as histórias das arquiteturas soteropolitanas e dos seus contextos. Constata-se que existe um precário reconhecimento dessas arquiteturas e uma escassa preocupação com a sua conservação. Considera-se fundamental que se aumentem os escopos dos estudos e que se procure ampliar o reconhecimento e as ações para a sua preservação.

Mas para que isso possa acontecer e para que as arquiteturas possam manter suas plenas potencialidades, é fundamental que possam ser plenamente ocupadas. É importante que se estimule principalmente a manutenção dos seus usos atuais ou eventualmente a instalação de usos diferenciados, mas sempre procurando identificar e conservar aquelas características arquitetônicas que tornam esses edifícios referenciais para a cidade.

Dessa forma pode-se fazer com que essas arquiteturas tornem suas histórias e seus contextos – tanto os referenciados pelas pistas voluntárias quanto pelas involuntárias – mais próximos dos cidadãos, que poderão ser capazes acessá-los constantemente e criticamente.

## REFERÊNCIAS

Acabemos, de vez, com isso! Que façam respeitadas, nas casas de diversões, os dispositivos policiais. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 21 jan. 1939.

A cidade terá um novo arranha-céu – vão ser iniciadas as obras de demolição do prédio do Sul Americano. Um hotel, uma casa de chá e um cinema serão instalados no novo edifício que será construído. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 28 mar. 1939.

Acontecimento de alta relevância, a inauguração do Edifício da Sulacap. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 28 abr. 1943

A Estrada da Liberdade já tem outro aspecto. **Diário de Notícias**. Salvador, s/p, 15 abr. 1931.

A obra realizada pela Secretaria de Educação e Saúde. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 10 nov. 1938.

As casinhas do Alto do Japão – querem-nas derrubar, deixando a pobreza sem tecto, no desamparo. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 23 jul. 1930.

As tropelias das chuvas... De como é sempre a Naturza quem domina o Homem. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 23 mar. 1938.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BIERRENBACH, Ana Carolina. Proposta de Tombamento Estadual do Instituto Central Isaías Alves (ICEIA). Salvador, UFBA/ IPAC, 2011.

Da velha e inútil engrenagem para a moderna e eficiente realização – os resultados da reorganização levada a efeito, pelo Snr. Juracy Magalhães, na Repartição de Aguas e Esgôtos de Salvador. **Diário de Notícias**. Salvador, s/p, 01 jun. 1936

DIVISÃO DE ESTATÍSTICA E DIVULGAÇÃO DA PREFEITURA DE SALVADOR. **A Bahia de Todos os Santos**. Salvador, 1939.

Depois de vinte annos de inaugurada – a Avenida Sete continúa repleta de “aleijões”. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 12 jan.1939.



Estará a “mãe d’água... No dique, ora quase secco... do Japão?”. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 06 mai. 1936.

Flagrantes de nossos bairros. O “Japão” na Bahia. – O film que o reporter surpreendeu numa visita ao sector da estrada da Liberdade – onde a pobreza mora e... se diverte...” **A Tarde**, Salvador, p.2, 17 dez. 1935.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, esquecer, escrever**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GINZBURG, Carlo. **Threads and traces: true, false, fictive**. Los Angeles/Londres: University of California Press, 2012.

Inaugurou-se, hontem, o “Cine-Liberdade”. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 03 dez. 1937.

Mais uma realização administrativa que honra o nosso Estado. As novas e modelares installações da Repartição de Aguas e Esgôtos da Capital. Ao lado das cifras que impressioam e á margem do que é o majestoso edificio. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 13 ago. 1937

Novo edificio público – em Dezembro do corrente anno, a Repartição do Saneamento estará funcionado em predio proprio. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 26 abr.1935.

Novos temporaes sobre a cidade. Recrudescem as chuvas das ultimas setenta e duas horas. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 28 mai. 1935

O ACERVO de A TARDE. **Almanaque da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/o-acervo-de-a-tarde>>. Acesso em: 09/03/2013.

O Arranha-céu da “Pharmacia Caldas” - o imponente e magestoso edificio será inaugurado em janeiro vindouro. **Diário de Notícias**. Salvador, s/p, 19 jun. 1931.

O edificio para a repartição do saneamento da capital – o seu projecto está exposto numa vitrine à rua Chile. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 06 mai. 1933.

PEIXOTO JÚNIOR, José Carlos. **O caso do Diário de Noticias da Bahia. A quinta coluna baiana. 1935-1941**. Salvador: Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia.

RAMOS, Nuno. **Ó**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

Uma grande actividade, a serviço do commercio – À margem da inauguração da nova e rica séde da Pharmacia Caldas – do velho e pequeno predio da Rua Carlos Gomes ao sumptuoso palacio de São Pedro. **Diário de Notícias**. Salvador, s/p, 13 fev. 1932.

Um bairro abandonado e infeliz. A Estrada da Liberdade está carecendo de urgentes melhoramentos. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 01 nov. 1939.

Um bairro que Deus esqueceu – A Estrada da Liberdade não tem luz, nem calçamento, nem esgoto, nem agua. Os moradores locais reclamam providencias dos poderes publicos. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 27 jan. 1933

Um edificio magestoso. A colocação da cumieira na séde da Sulacap, em construção nesta capital – O que será, em breve , o “Palácio de Economia Popular”. **Diário de Notícias**, Salvador, s/p, 29 mar. 1943.

Um estabelecimento modelar – Opiniões honrosas sobre a Pharmacia Caldas. **A Tarde**, Salvador, p.6, 22 jun. 1935.

ENCONTRO INTERNACIONAL

# ARQUI MEMÓRIA

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador - Bahia, 14-17 de maio de 2013

4

Um monumento à economia baiana. **A Tarde**, Salvador, p.9, 29 abr. 1946.

Vai ser demolido o Sul-Americano - Em seu lugar surgirá o arranha-céu da Sulacap. **A Tarde**, Salvador, p.2, 16 mar. 1939